

SESSION 2021

---

**CAPES  
CONCOURS EXTERNE**

**SECTION : LANGUES VIVANTES ÉTRANGÈRES  
PORTUGAIS**

**COMPOSITION EN PORTUGAIS**

Durée : 5 heures

---

*L'usage de tout ouvrage de référence, de tout dictionnaire et de tout matériel électronique (y compris la calculatrice) est rigoureusement interdit.*

*Si vous repérez ce qui vous semble être une erreur d'énoncé, vous devez le signaler très lisiblement sur votre copie, en proposer la correction et poursuivre l'épreuve en conséquence. De même, si cela vous conduit à formuler une ou plusieurs hypothèses, vous devez la (ou les) mentionner explicitement.*

**NB : Conformément au principe d'anonymat, votre copie ne doit comporter aucun signe distinctif, tel que nom, signature, origine, etc. Si le travail qui vous est demandé consiste notamment en la rédaction d'un projet ou d'une note, vous devrez impérativement vous abstenir de la signer ou de l'identifier.**

**Tournez la page S.V.P.**

A

## INFORMATION AUX CANDIDATS

Vous trouverez ci-après les codes nécessaires vous permettant de compléter les rubriques figurant en en-tête de votre copie.

Ces codes doivent être reportés sur chacune des copies que vous remettrez.

► **Concours externe du CAPES de l'enseignement public :**

Concours	Section/option	Epreuve	Matière
E B E	0 4 3 3 E	1 0 1	2 9 2 0





### Thématique : Rencontre avec d'autres cultures

À partir de la thématique indiquée, vous proposerez une problématique en vous fondant sur l'analyse et la mise en résonance des documents ci-dessous. Vous rendrez compte de votre réflexion en une composition structurée en langue portugaise.

#### Documento 1

Foi uma manhã, depois de um destes excessos, à hora em que nas trevas da alma do debochado se ergue uma vaga aurora espiritual — que me nasceu, de repente, a ideia de partir para a China! E, como os soldados em acampamento adormecido, que ao som do clarim se erguem, e um a um se vão juntando e formando coluna — outras ideias se foram reunindo no meu espírito, alinhando-se, completando um plano formidável... Partiria para Pequim; descobriria a família de Ti Chin-Fu; esposando uma das senhoras, legitimaria a posse dos seus milhões; daria àquela casa letrada a antiga prosperidade; celebraria funerais pomposos ao Mandarim, para lhe acalmar o espírito irritado; iria pelas províncias miseráveis fazendo colossais distribuições de arroz; e, obtendo do imperador o botão de cristal de mandarim, acesso fácil a um bacharel, substituir-me-ia à personalidade desaparecida de Ti Chin-Fu — e poderia assim restituir legalmente à sua pátria, se não a autoridade do seu saber, ao menos a força do seu oiro.

Tudo isto, por vezes, me aparecia como um programa indefinido, nevoento, pueril e idealista. Mas já o desejo desta aventura original e épica me envolvera; e eu ia, arrebatado por ele, como uma folha seca na rajada.

Anelei, suspirei por pisar a terra da China!  
— Depois de altos preparativos, apressados a punhados de ouro, uma noite parti enfim para Marselha. Tinha alugado todo um paquete, o «Ceilão». E na manhã seguinte, por um mar azul-ferrete, sob o voo branco das gaivotas, quando os primeiros raios do sol ruborizavam as torres de Nossa Senhora da Guarda, sobre o seu rochedo escuro — pus a proa ao Oriente.

O «Ceilão» teve uma viagem calma e monótona até Xangai.

Daí subimos pelo rio Azul a Tien-Tsin num pequeno *steamer* da Companhia Russel. Eu não vinha visitar a China numa curiosidade ociosa de *touriste*: toda a paisagem dessa província, que se assemelhava à dos vasos de porcelana, de um tom azulado e vaporoso, com colinazinhas calvas e de longe a longe um arbusto bracejante, me deixou sombriamente indiferente.

Quando o capitão de *steamer*, um *yankee* impudente de focinho de chibo, ao passarmos à altura de Nanquim, me propôs parar, ir percorrer as ruínas monumentais da velha cidade de porcelana, — eu recusei, com um movimento seco da cabeça, sem mesmo desviar os olhos tristes da corrente barrenta do rio.

Que pesados e soturnos me parecem os dias de navegação de Tien-Tsin a Tung-Chu, em barcos chatos que o cheiro dos remadores chineses empestava; ora através de terras baixas inundadas pelo Pei-Hó, ora ao longo de pálidos e infidáveis arrozais; passando aqui uma lúgubre aldeia de lama negra, além um campo coberto de esquifes amarelos; topando a cada momento com cadáveres de mendigos, inchados e esverdeados, que desciam ao fio de água, sob um céu fusco e baixo!

EÇA DE QUEIROZ, José Maria, *O Mandarim*, 1880

## Documento 2

Era como uma brecha ou ferida rasgando as árvores e as plantas, uma vila miserável que transbordava de gente. Ela via os casebres, o povo afluindo ao porto, o navio chegando à bacia de óleo, e punha sua vista naquele teatro com a firmeza do sacrifício que se entrega, cuidando no céu. Se Deus bem quisesse, daí a momentos iria conhecer Tiago, seu primo, seu prometido, a resposta  
5 que dera à vida pequenina de Lisboa. O olhar crescia na água, atravessando as lágrimas que não queriam cair. Havia um apagado de luz branca, em torno da mancha vermelha e cinza de orlas verdes de São Vicente. Ali estava seu caminho, seu destino. «Sou como um inocente que entendesse seu próprio nascer». [...]

10 Chegava o Capitão-Mor. Nunca, como nesse momento, ele lhe pareceu um galo novo, passeando sua crista e seu esplendor em meio a outros apagados e servis emplumados. Era distinto, fino, engomado e lustroso como um boneco. O cabelo caía em ondas de mulher; a mão que o alisava para trás mostrava o grande anel de lápis-lazúli, como seu escudo.

— Bom dia, senhora minha. [...] Se soubésseis o que é esta terra, e estes endemoninhados sem Lei nem Rei, não gastaríeis aqui vossa gentil presença — e, não esperando resposta  
15 acenava para terra, acreditando que já fosse visto: — Em outros tempos, os desesperos de amor e as mágoas de família aquietavam-se nos conventos. Agora, toca a passear a mágoa por um mundo diferente.

Cristina sorria, deslindando as palavras com alegre afetação:

20 — Basta de tristezas. Espero não ter gasto todo o meu dinheiro em vão com tantos cobiçosos, neste barco. E saiba Vossa Senhoria que vou ser feliz e que não venho esquecer-me, mas viver...

O Capitão-Mor continuava a acenar; depois, brusco, pondo na moça seus olhos azuis frios, a puxou pelo braço tremente, falando em cor de voz mais íntima:

25 — Cure-se a menina de ilusões. A pobreza arrogante desta terra! os índios feios como judas, os brancos sujos, fanfarrões briguentos, os negros fazendo o que lhes ensinam, como monos. Os padres disputando com os brancos, mas lhes dizendo as missas. E as mulheres escondidas em casa como coelhos nas tocas, ignorantes e obstinadas.

E enquanto cortejava a gente que já o podia distinguir, com um aceno altaneiro:

30 — Vede bem esta miséria. De perto ainda é pior! Porque este povo cheira diferente... Se algum dia descoroçoar, contai com a minha valia.

Cristina foi prendendo a mantilha, enrolando-a no pescoço:

— Com esta gente de que fala não viverei eu. Há de ser com meu esposo, que tem meu próprio sangue, e será um homem igual a meu irmão.

O Capitão-Mor balançou a cabeça, mirou Cristina de cima a baixo:

35 — Deus Nosso Senhor conserve a alegria da menina, e também sua beleza, em terrão tão sem galas. Adeus!

Cristina se viu, descida do bote, num atordoar de povo que a olhava como se ela viesse de outro mundo. Ela ficou a contar suas arcas, a vigiar os tripulantes que as traziam para a terra.  
40 Como reconhecera Tiago? Voltava-se depressa, em sustos, a cada instante. Mas o homem que podia ser seu noivo já a inquiria com jeito desaforado na face. Eram todos curiosos, e as suas coisas excitavam interesse geral. O moço que a acompanhava empurrou com o corpo, de lado, certa mulherinha escura, de duros cabelos, que passava a mão pelo seu vestido, como alguém encantado a alisar um bicho.

45 — Arreda! Arredem todos!

Nesta confusão se chegou uma figura estranha: um mestiço ruivo de face sardenta e rosada, de olhos fendidos no rosto chato. Vestia roupa decente, calça de algodão, gibão de couro.

— Ei... Procuo a dona mandada pra meu senhor...

50 Cristina, embora em sua tonteira de emoção, quis ajudar. Seria o criado para levar Joana Antônia... E mostrou:

— Vai acolá. Espera ali à sombra...

Mas o criado a olhou, de lado, suspeitoso:

— Sou da Lagoa Serena. Meu senhor aqui me mandou pela dona de seu filho... Tiago, meu sinhozinho.

55 Cristina sentiu o sangue no rosto:

— Tiago não vem?

O mestiço olhou a moça.... — triunfante:

— Aimbé leva a dona dele!

### Documento 3

Carta a Madame de Jouarre  
Luanda, Maio de 1868

Minha querida madrinha,

Desembarquei ontem em Luanda às costas de dois marinheiros cabindanos. Atirado para a praia, molhado e humilhado, logo ali me assaltou o sentimento inquietante de que havia deixado para trás o próprio mundo. Respirei o ar quente e húmido, cheirando a frutas e a cana-de-açúcar, e pouco depois comecei a perceber um outro odor, mais subtil, melancólico, como o de um corpo em decomposição. É a este cheiro, creio, que todos os viajantes se referem quando falam de África.

Olhando a cidade que se erguia fatigada à minha frente pensei que não devia ter trazido o Smith. Vi-o desembarcar, tentando manter o aprumo de Escocês antigo enquanto cavalgava os dois negros, a perna direita no ombro esquerdo de um deles, a perna esquerda no ombro direito do outro. Chegou junto a mim lívido, descomposto, pediu perdão e vomitou. Disse-lhe: «Bem vindo a Portugal!».

À nossa volta ia um tumulto de gente, rindo e gritando, movendo fardos, arrastando animais. Smith conseguiu ao fim de algum tempo contratar os serviços de duas machilas e lá seguimos, suados e salgados, através de uma sucessão de ruas tortas e mal empedradas. Grupos de nativos conversavam à sombra dos muros ou dormiam estendidos de bruços na poeira. À porta do Hotel Glória esperava-nos a figura extraordinária de um homem em evidente evolução para ave. Um velho alto, leve, rosto estreito, nariz adunco e olhos redondos e brilhantes:

— Excelência! gritou estendendo-me a mão. — Sou o Coronel Arcénio de Carpo.

Eu sabia quem ele era. Um cientista austríaco, meu amigo, que durante vários meses estudou nos sertões de Angola a fauna e a flora tinha-me falado dele com entusiasmo: «Em Luanda até o sol lhe obedece. Quase nada sucede na cidade sem a concordância do velho». A patente de coronel que tão orgulhosamente ostenta — coronel comandante das províncias do Bié, Bailundo e Embo —, não tem no entanto significado algum para além do honorífico, já que Arcénio de Carpo não é militar, nunca visitou nenhuma destas províncias, que aliás não prestam vassalagem ao governo português, e em nenhuma delas existe sequer um corpo de soldados.

Quando soube da minha viagem o meu amigo insistiu em escrever a Arcénio de Carpo. Não sei o que escreveu, mas possivelmente disse-lhe que, instalado na solidão do meu palacete, em Paris, eu comando o movimento dos astros. O certo é que Arcénio me recebeu como a um príncipe:

— Os senhores ficam comigo — disse apontando a fachada escura do Glória. — Isto não é um hotel, é um quilombo.

Arcénio Pompílio de Carpo nasceu na Madeira, filho de um casal de actores ambulantes. Degredado para Angola por crime de pensamento (diz ele), ou comum (murmuram os seus inimigos), mora hoje na Cidade Alta, num amplo solar colonial, de dois pisos, sendo o térreo circundado por um largo balcão em madeira. Esta varanda é durante a tarde protegida por esteiras de palha, a que aqui se chamam luandos, ou luangos, artifício que permite manter a casa fresca o dia inteiro. Assim que chegámos, Arcénio enviou aos meus aposentos um rapazito para que me esfregasse o corpo com água-ardente de cana, único remédio, segundo ele, capaz de prevenir as maleitas resultantes do contacto com a água do mar.

A seguir mostrou-me o resto da casa, incluindo o quintal, largo e fundo, que está em parte ocupado com as habitações dos escravos e com os armazéns cheios de marfim, de borracha e de cera. Presas aos altos muros vêem-se cadeias de ferro e no centro do pátio existe mesmo um pelourinho que o coronel garante nunca ter utilizado. Ainda há pouco tempo, porém, este mesmo espaço servia para engordar negros trazidos do interior e em trânsito para o Brasil.

Já compreendeu, querida madrinha, como fez fortuna o senhor Arcénio de Carpo? Precisamente: comprando e vendendo a triste humanidade. Ou como ele prefere dizer, «contribuindo para o crescimento do Brasil». Ainda hoje, a acreditar no que se comenta em Luanda, continua a trabalhar para o crescimento do Brasil. «Os Ingleses nunca me hão-de ver de joelhos», assegurou excitado quando lhe perguntei se persistia na colónia o tráfico negroiro.